

ajustamento perfeito das peças do *puzzle*. Por esta soma de razões, cada uma mais vistosa do que a outra, os filmes de Almodovar resistem mal a uma segunda visão (excepto, no meu caso, *El Matador*). Mas a primeira domina-nos por completo.

(Ponto a esclarecer: que razões levam Eduardo Lourenço a detestá-los?)

*Paris — 11.2.92*

Almoço de filósofos, se a expressão não é abusiva, organizado pelas Presses Universitaires de France, para lançamento do livro em que Manuel Carrilho traça uma excelente visão de conjunto da sua problemática: *Rhétoriques de la modernité*. Refaço o percurso que vai do primeiro artigo que o Manuel escreveu, na minha casa da Rua de Entre-Campos, para as colunas da crítica do *Diário de Lisboa*, e o seu aparecimento como primeiro volume de uma nova colecção de filosofia das Presses.

O almoço correu bem, embora com as habituais figuras de retórica deste tipo de situações. Os franceses falavam de filosofia entre si — e de vez em quando perguntavam gentilmente: «E em Portugal como é?» Ouvi-os com imenso prazer. Fiquei entre Jean-Luc Marion, pessoa que navega por Descartes, a teologia medieval, Husserl e Heidegger, e um Dominique Lecourt, com o seu ar de grande urso desajeitado, mas cheio de boas intenções (numa espécie de empenhamento político difuso que lhe ficou dos tempos «althusserianos»). E havia ainda Roger-Pol Droit, de *Le monde*,

e Monique Canto, que começa a preparar uma colecção de filosofia moral e política para as Presses (sinal dos tempos: a política vem apoiada na moral).

Por momentos fico a pensar no que eu poderia ter sido, e certamente com muita alegria: um profissional da filosofia como eles. Mas motivos de tipo pessoal, tricas entre cate-dráticos, levaram o meu pai a desaconselhar-me a secção de Filosofia, e foi assim que a Literatura me «escolheu». O resultado final não teria talvez sido diferente. A única coisa de que sinto efectivamente falta é de ter sido obrigado a estudar sistematicamente certos autores: Platão, Aristóteles, Spinoza, Leibniz, Kant, Hegel. Porque só sistematicamente, e pela «força», é que conseguimos adquirir uma forma «profissional» de conhecimento, que não seja o borboletear cultural a que me tenho remetido, numa vagabundagem de leituras avulsas que têm todos os defeitos do «auto-didactismo». Não é que tenha lido pouco, de modo algum, mas fi-lo sempre segundo o modelo televisivo do *zapping* — o que está longe de ser o mais aconselhável.

Ao voltar ao convívio social do almoço, ouço Marion falar sobre a necessidade de uma história do neo-tomismo, porque o lugar do tomismo no pensamento medieval foi mais reduzido do que se pensa, e a sua vigência não foi duradoura, e o neo-tomismo é quase coincidente com o tomismo, mal o tomismo se prolonga e já é neo-tomismo, e por isso é preciso estabelecer a diferença entre São Tomás e Suarez, e todos os «neos», segundo Marion, seguem um curso curiosíssimo, no qual, em nome de um movimento de retorno, se chega a fazer exactamente o contrário do que os textos originais propunham: o neo-tomismo pode ser um